

## A PRODUÇÃO DE IDENTIDADES ÉTNICAS EM MEIO URBANO

Ana Maria Loforte\*

Resumo: A construção da identidade étnica<sup>1</sup> pressupõe, normalmente, dois processos distintos mas simultaneamente contraditórios: um, em que os actores sociais perdem a sua distinção cultural ajustando-se a uma nova realidade, integrando-se assim a conjuntos mais vastos de pertença e a eles se incorporando; e outro, em que se assiste a uma distinção e exclusão pois os discursos e práticas dos grupos sociais enfatizam e confirmam a sua identidade cultural autónoma e diferenciada. Neste último caso, o grupo ajusta-se à nova realidade, reorganizando, por vezes, as suas práticas tradicionais sob novos símbolos para realçar, estabelecer fronteiras, conduzindo, deste modo a identidades sincréticas e ambivalentes. Esta comunicação baseada em estudos realizados num bairro da periferia da cidade de Maputo, o bairro da Mahotas, procura mostrar como alguns grupos sociais, nomeadamente os **bitonga** da província de Inhambane, desenvolvem acções colectivas de produção e reforço da identidade actualizando as suas normas e formas particulares de convivência social.

Palavras chave: Etnia, Identidade, Exclusão social, Redes de solidariedade.

### MAHOTAS: O RURAL E O URBANO

Um primeira *démarche* nesta análise consiste na descrição do espaço social do bairro, enquanto substrato morfológico dos habitantes e campo de relações sociais estruturalmente agenciadas e no interior do qual se situam os seus residentes. Esta descrição compreenderá dois eixos:

- 1) o *contexto*, onde fixaremos os parâmetros globais derivados dos processos históricos e de uma inserção num quadro geográfico, social e económico do bairro
- 2) o *meio* que define os modos de coexistência no quotidiano

Os bairros localizados na periferia da cidade de Maputo têm vivido nas últimas décadas um crescimento fulgurante motivado pela mobilidade residencial dos habitantes da cidade de Maputo e pelo impacto de movimentos migratórios ocasionados pela guerra terminada em 1992. O bairro das Mahotas constitui, pela natureza dos seus habitantes, um meio complexo onde se confrontam sistemas de pensamento e práticas heterogéneas, numa imbricação de espaços rurais e de zonas urbanizadas. A complexidade e diversidade expressam-se através de distintos mundos sociais com certas particularidades, como sejam a *alta densidade* de relações e demarcações de *fronteiras*<sup>2</sup> (Velho 1999, Pina Cabral 2000, Hannerz 2000)

Remarcável é a sua heterogeneidade étnica. Com efeito, a população que hoje o habita é constituída por pessoas de variadas origens maioritariamente das zonas rurais das províncias de Gaza e Inhambane. Muitas razões estão por detrás deste grande fluxo demográfico: crise de produção e destruição dos circuitos de comercialização no campo e a impossibilidade da maioria emigrar para um trabalho assalariado nas minas da República da África do Sul. Todos estes factores conjugados geram uma redução dos rendimentos monetários e um grande número de desempregados que vêem na cidade uma alternativa para a sua sobrevivência.<sup>3</sup>

---

\* Universidade Eduardo Mondlane - Maputo

<sup>1</sup> Por identidade étnica entendemos a construção política ou ideológica usada por certos grupos para atingir os seus objectivos políticos e impedir que outros assumam ou tenham acesso ao mesmo estatuto. No sentido normativo procuram legitimar politicamente um grupo de indivíduos reafirmando os seus direitos políticos (existentes ou a serem atribuídos)

<sup>2</sup> Fronteira é aqui entendida num sentido metafórico mais amplo pois referimo-nos às descontinuidades e diferenças no seio da sociedade e das culturas.

<sup>3</sup> Até meados de 1970, por exemplo, 80% da força de trabalho nas minas de ouro da África do Sul era estrangeira. A partir de 1976, o número de trabalhadores reduz-se drasticamente para 40%, como resultado de políticas internas ligadas a necessidade de utilização de mão-de-obra local.

Por outro lado, e esta é causa mais determinante da migração, a destruição de infraestruturas e de vias de comunicação, o terror e a violência provocados pela guerra, obrigam as populações a deixarem as suas terras e a concentrarem-se na cidade em busca de melhores condições de segurança

Neste espaço, com características acentuadamente rurais e onde se encontram estabelecidas populações ronga desde finais do século XIX, assistimos igualmente a processos de suburbanização ou seja a movimentos migratórios internos de uma parte da população cidadina que se instala neste meio periurbano<sup>4</sup>, embora continuando a desempenhar grande parte das suas actividades produtivas na cidade. Emerge assim um conjunto de mutações sócio-demográficas, económicas e morfológicas que são decorrentes de migrações sucessivas e da coexistência de diferentes extractos populacionais (rongas, bitongas). A própria ambiguidade do termo **periurbano** deixa transparecer múltiplas formas de apreensão do espaço susceptíveis de estarem presentes no quotidiano do bairro e das suas gentes.

Esta situação de grande fluxo populacional exige, por parte do Estado, novas políticas de urbanização que se centram fundamentalmente em três aspectos: demarcação habitacional, desenho do plano da estrutura da cidade e a criação de malhas urbanas<sup>5</sup>.

Mas, de uma forma geral, a ausência de infraestruturas sociais e económicas, a incapacidade do Estado para definir uma política clara relativamente ao uso e aproveitamento da terra cria constrangimentos ao quotidiano dos residentes.

O bairro possui zonas distintas destinadas à habitação, indústria e agricultura. Muito embora se localize próximo da cidade, encontra-se numa situação marginal em relação ao acesso a serviços. As infraestruturas sanitárias de apoio são precárias, é insuficiente e parcial a cobertura da rede de água. Zonas há em que os moradores nem dispõem sequer de fontes públicas.

Mas o isolamento em relação à economia formal engendra modelos de ocupação espacial e residencial *sui generis*. A relativa autonomia existente permite dar corpo à imaginação na resolução das necessidades específicas, em termos de alojamento e gestão dos espaços.

Dado o seu carácter evolutivo e a capacidade de adaptação familiar (integração de novos membros, constituição de novas células conjugais) o talhão emerge como reserva mobiliária. Ela torna-se com o decorrer do tempo o suporte simbólico da perenidade do grupo que a ocupa.

## O ESPAÇO ESTRUTURADO DAS REPRESENTAÇÕES

Na reconstrução territorial que se opera, entram em jogo elementos novos, numerosos e diversos, por vezes estrangeiros à realidade periurbana. A chegada de novos ocupantes aumenta a frequência de práticas potencialmente dissonantes e que vêm pôr em causa a ordem estabelecida. Para os migrantes, **os bitonga**, estes elementos são igualmente alheios, particularmente ao seu sistema de representações. Há uma incoerência entre os hábitos de vida familiar nos seus locais de origem e as condições estruturantes nas quais se encontram de repente colocados. A pressão de repensar inteiramente o seu modo de vida e comportamento engendra incertezas e um balbuciar próprio de uma nova aprendizagem. A apropriação de um espaço é normalmente um gesto simbólico de individualização, habitualmente observado entre os migrantes, e congrega um conjunto de representações que encerram uma consciência de propriedade. Algo de diferente se passa no bairro. Vejamos o depoimento de um residente.

---

<sup>4</sup> A migração para a periferia deve-se fundamentalmente a razões de ordem económica ligadas ao aumento das rendas de casa e serviços, em função da introdução do Programa de Reabilitação Económica (PRE) em 1987.

<sup>5</sup> As malhas urbanas são talhões demarcados, destinados a habitação e a actividades produtivas como seja o comércio, o artesanato e a reserva destinada ao equipamento social e infraestruturas básicas como água e vias de comunicação.

*"No início, falando francamente, eu e alguns vizinhos não pensávamos ficar aqui por muito tempo. Estávamos habituados à nossa terra onde havia muito espaço, terrenos grandes, conhecíamos toda a gente e as crianças brincavam à vontade. Eu não gostava deste bairro e embora tivesse construído a casa por minhas mãos tinha a impressão que não era minha, era como se alguém me tivesse emprestado. Foi difícil habituar-me a viver aqui. Só mais tarde, conformei-me com a situação".*

Na verdade, a apropriação de uma habitação não se reduz apenas a adquirir um objecto físico, mas remete a um conjunto simbólico e a práticas que estruturam a representação da casa como habitável, onde se alberga a família rodeada por uma vizinhança ideal. O indivíduo não adquire apenas o tecto, ele escolhe também o seu meio de vida.

No caso apresentado, o mundo rural é associado subjectivamente à liberdade e convívio enquanto que o urbano é conotado com o constrangimento e anonimato. O espaço joga um papel tanto ao nível das representações como das práticas quotidianas na edificação de uma arquitectura social específica.

Mas a adaptação e aprendizagem de viver num novo espaço não conduzem a uma negação completa dos seus sistemas de valores. É verdade que a separação (do espaço rural ao urbano) efectuou-se rapidamente e o momento de agregação de novos valores e de novas formas de sociabilidade colocam problemas à partida. Por outro lado, na comunidade étnica os seus membros participam nas vivências sócio-culturais com maior ou menor adesão, sendo que alguns violam as expectativas institucionalizadas ou seja as expectativas partilhadas e reconhecidas como legítimas no sistema social. A inserção e adaptação não se processa de forma homogénea para todo o grupo, o que gera tensões cuja resolução se processa por recurso ao imaginário, ao sistema simbólico com práticas rituais de culto e invocação dos antepassados para que estes propiciem a sua coesão. Estes cultos são portadores de uma vitalidade social, sublinham a especificidade do grupo e contribuem para que este se diferencie dos outros. A racionalidade que os caracteriza é intensiva e organiza-se em redor de uma acção, de um espaço que, por vezes, une os indivíduos mas que igualmente, deixa-os livres, Ele é centrípeto e centrífugo. (Cf. Maffesoli, 1980). É que uma mudança de situação social não é algo fácil de gerir. O modelo operatório nas suas representações reside num conceito de grupo mas, também, na concepção de que neste espaço todos têm oportunidade de habitar. Como afirma Pina Cabral (2000 b): 861) " De uma forma ou outra, quem se move na cidade, quem faz aqui a sua vida, tem de aceitar, pelo menos parcialmente, os termos de negociação da categorias sob as quais a vida se organiza. Ora esses termos têm inscritos em si mesmos direitos, limitações de direitos, obrigações, abdições, fronteiras".

Podemos referir em suma que a construção espacial não é pacífica pois engendra tensões<sup>6</sup> entre a população autóctone e a migrante, uma vez que cada um valorisa o seu próprio sistema de representação do espaço. No interior do bairro estes sistemas opostos cohabitam estreitamente. Assim, o espaço participa na construção identitária do indivíduo e do grupo, mas contribui simultaneamente para relativizar os fundamentos desta identidade porque é o suporte de outras construções identitárias. Existe uma relação perfeitamente ambivalente face às diversas representações. Vector de homogeneização e de diferenciação, o espaço- tal como é representado no pensamento do indivíduo e dos grupos- é o elemento que liga a alteridade e a identidade, o que permite assim a existência da relação social.

## À PROCURA DE UMA INTEGRAÇÃO

Os grupos étnicos ao deslocarem-se levam consigo o nome, os símbolos de pertença a um sistema de valores que são institucionalizados e partilhados pelos membros do grupo, sendo estes, determinantes importantes da acção . A unidade do grupo é criada e reforçada através da partilha destes símbolos que são comuns como a língua, o território e os ancestrais<sup>7</sup>, construção ideológica que fundamenta a pertença (temporal e espacial)

<sup>6</sup> Prost (1991) afirma que a periurbanização é essencialmente um processo conflitual que conduz a uma mutação territorial. É necessário que o espaço seja moldável portador de uma imagem valorizante, parte do sonho de que o migrante se pode apropriar.

<sup>7</sup> Veja-se a este propósito para o caso de Licuáti, sul da província de Maputo, Meneses, P. 2000

dentro de vasto campo de relações sociais, e que possui um poder de coacção, por vezes esmagador de e em si próprio (Cf. Geertz 1963) .

Homens e mulheres que se estabelecem neste bairro onde predomina a etnia ronga vêm ocupar espaços onde já residem membros do seu local de proveniência<sup>8</sup>. Ao identificarem-se como descendentes de um ancestral comum, procuram traduzir uma contiguidade imediata e ligação forte, uma proximidade proveniente do facto de se falar a mesma língua e de seguirem determinadas práticas sociais. A ideologia étnica, ao realçar a integridade do grupo, da terra e da união familiar, ajuda igualmente a favorecer o controlo necessário para minimizar as ansiedades dos migrantes e cria atenuantes ao ambiente hostil e às difíceis circunstâncias com que se confrontam no dia-a-dia.

Por seu turno, entre os Mahota (grupo pertencente à etnia ronga que detém a primazia da ocupação na zona) a etnia é continuamente invocada para a legitimação de pertença ao espaço do bairro. Esta é estabelecida pela partilha do mesmo nome da família (*xibongo*) e invocada para um certo tipo de práticas ou observância de certas normas.

Na interacção social, a etiqueta usada fornece ao “**nós**” e os “**outros**” uma série de características que explicam as diferenças culturais, o que se espera de cada um, donde provêm certos tipos de comportamento e, por vezes a maneira como se reage a certas situações.

Frequentemente, a solução encontrada é o retorno à tradição e suas práticas, retorno este que é elaborado de acordo com as necessidades de cada grupo. Assim a etnia é também um recurso útil, um compromisso ao qual os grupos recorrem para negarem direitos a outrem. Com efeito, num contexto de fracos recursos, de precariedade económica, o resultado da interacção dos grupos resulta numa exclusão e impedimento ao uso e maneio dos principais recursos, nomeadamente às melhores terras de cultivo, fontes de abastecimento de água<sup>9</sup> para rega, por parte dos que vêm de fora. Cria-se uma forte linha divisória entre os rongas e os migrantes, reforçando a dicotomia “nós” e “eles”, não obstante o Estado rejeitar qualquer pretensão à precedência e privilégios por parte dos habitantes mais antigos. Na realidade, a Lei de Terras em vigor advoga que esta pertence ao Estado e todos os cidadãos, homens e mulheres, têm iguais direitos a este recurso.

Na verdade, são as estruturas locais, muitas vezes ligadas às famílias notáveis do bairro e detentoras de poderes políticos múltiplos, que reclamam (fazendo recurso ao direito consuetudinário) a legitimidade na definição dos locais, frequentemente marginais, para a prática da agricultura ou construção da habitação dos migrantes.. Deste modo, o que emerge é a prioridade e privilégio de ocupação das melhores terras pela antiguidade e o ancorar da etnicidade ao território, ao espaço (Gerolm, 1977, Amselle, 1985). Parte das irregularidades na concessão de terras, assim como as disputas que aparecem descritas como sendo de ocupação de terras para fins agrícolas e habitacionais,<sup>10</sup> encobrem outros aspectos, como seja a competição entre grupos.

O processo de construção das diferenças não é uma mera transmissão de estatutos e posições aos membros da comunidade étnica. Não se trata de um processo de transmissão unívoco, onde a continuidade é uma reprodução do passado. De facto, é um processo contínuo no qual a nova conjuntura é edificada pelo grupo, articulando nas suas acções e estratégias referências aos valores do passado num contexto de valores e necessidades do presente ( Lima 2000: 41).

Relações de poder desigualitárias entre os grupos ocorrem assim com a pertença étnica a determinar o acesso a escassos recursos. Por recursos, neste contexto quero referir-me a todos os instrumentos usados para satisfação de necessidades culturalmente definidas, como sejam os meios de subsistência, a mobilidade social

---

<sup>8</sup> À chegada dos migrantes eram –lhes distribuídos talhões em locais onde já se haviam estabelecidos indivíduos do mesmo distrito ou província. Este era um procedimento comum das estruturas políticas e administrativas do bairro

<sup>9</sup> Nesta zona a agricultura predomina. Contudo a escassez de água e de terras propícias à mesma condiciona a prática desta actividade. No interior do bairro predominam os solos arenosos de fraca qualidade, as terras vermelhas ou cinzentas. Nas zonas mais baixas, junto à costa, os solos contêm uma elevada salinidade e, devido ao fraco declive, a má drenagem, há tendência para as inundações. Somente os solos cinzentos da planície detêm boa fertilidade. Estes são ocupados pelas famílias rongas já longamente estabelecidas no bairro.

<sup>10</sup> Nos últimos anos, em função de programas de reajustamento estrutural e conseqüente aumento do custo de vida, a luta pelo uso e posse de recursos aumentou substancialmente na zona.

trazida pelo emprego, educação, serviços, equipamento social e estatuto, aspectos entendidos como sendo requeridos nesta sociedade multiétnica.

Não estamos ainda perante casos concretos de *estratificação social* que se traduzem numa *estratificação ocupacional* (Cohen, 1987), onde a maioria étnica ronga detém *poderes hegemónicos*<sup>11</sup> em termos económicos e políticos na comunidade e os outros um baixo estatuto, criando situações de confronto aberto; mas é latente algum clima de tensão.

Neste processo de interacção a minoria está sujeita à segregação, constroem-se estereótipos sobre **eles e nós**: "os bitonga são de má língua, sovinas, passam fome para poupar dinheiro". Estes epítetos, sem dúvida, estabelecem fronteiras, sublinham e reforçam a definida distinção cultural entre eles. (Cohen, 1978; Vail, 1989)

A construção e reforço da identidade constituem-se assim por afrontamentos repetidos entre os defensores dos interesses dos grupos; mas, desenvolvem-se igualmente pela procura de melhores condições de vida de populações fazendo apelo às solidariedades e confrontando as diferentes formas de poderes existentes no lugar.

### AS SOLIDARIEDADES PRIMÁRIAS

No contexto de situações estruturais que conduzem à vulnerabilidade e pobreza, a comunidade étnica recorre a novas redes de relações baseadas na co-residência. A partilha de um mesmo espaço por indivíduos oriundos da mesma zona determina um funcionamento particular destas relações, estruturando o quotidiano dos habitantes e contribuindo para reforço da sua identidade. Induzida por uma contiguidade geográfica, edifica-se assim uma proximidade essencial, erguida sobre uma comunidade de existência onde a solidariedade é um dado imediato.

O estabelecimento na cidade provocou uma evidente deslocação das redes de relações interpessoais que existiam no local de origem. Os indivíduos são unânimes em deplorar esta situação e recordam com nostalgia a convivência que existia na sua aldeia

*"Lá na nossa casa, em Jangamo,<sup>12</sup> antes da guerra, geralmente tínhamos alguma coisa para comer na machamba e éramos quase todos como família; quando às vezes não tínhamos nada, porque o celeiro estava vazio, alguém próximo sempre ajudava". Aqui vamos ter que arranjar outros amigos mas sobretudo entre os que vêm lá da terra".*

Esta representação nostálgica que nos esclarece sobre a realidade anterior das relações interpessoais que aí se desenvolviam, assinala uma certa tensão nas relações sociais actuais. Os padrões de sociabilidade e interacção são distintos da aldeia donde vieram pois os membros do grupo que outrora permaneciam juntos sob chefia dos mais velhos, constituindo uma comunidade de interesses, já não o são. Alguns redes são inclusivamente solidárias de trajectórias sociais e profissionais mais individualistas, como se pode constatar do depoimento que se segue:

*"O emprego que eu consegui na fábrica de calçado UFA para o meu filho mais velho, foi porque já lá trabalhava um vizinho que soube que precisavam de aprendizes. Se não fosse ele, talvez ainda estaria à procura de serviço".*

De uma forma geral as redes constituem solidariedades primárias, uma vez que se trata de "configurações de relações correspondentes ao nível primário de apropriação social do mundo e de constituição de identidades, accionáveis em situações de necessidade para apoiar material ou moralmente aqueles que são reconhecidos como membros das redes" (Nunes, 1995: 9-10). Este apoio conduz igualmente a constituição de grupos informais de vários tipos visando defender os seus interesses (Mitchell 1969; Loforte, 2000, Santos e Gomes 1998, Cruz e Silva 2000).

<sup>11</sup> Por poder hegemónico entende-se como sendo aquele em que há uma negociação dos termos de dominação (Cf. Pina Cabral 2000)

<sup>12</sup> Jangamo é um distrito da província de Inhambane localizada na zona sul de Moçambique

No quarteirão do bairro todos os vizinhos se devem ajudar através de ofertas espontâneas ou quando solicitados; emprestam-se as pequenas parcelas de terra dificilmente obtidas; utensílios domésticos e instrumentos de produção agrícola; oferecem-se alimentos quando os outros recebem visitas ou em ocasiões rituais. Auxiliam-se, especialmente, nos momentos considerados críticos para a comunidade e para o grupo (defesa comum contra ladrões, por exemplo) e quando ocorrem desastres naturais. Em síntese, em caso de necessidade, a ajuda do vizinho não é limitada e está cuidadosamente prescrita, ainda que de modo informal. E de tal maneira ela é aceite como natural que a ajuda que se presta hoje pode ser solicitada amanhã.

*“Quando cheguei os meus vizinhos ajudaram-me a construir a minha casa. Disseram-me logo onde poderia comprar caniço, estacas e zinco para a cobertura. Mais tarde, já conhecia todos os lugares, conseguia desenrascar-me sozinho e ajudei outros que chegaram depois”.*

Se a inserção económica e territorial são essenciais, dominar um espaço social também o é. No difícil momento da chegada, os emigrantes possuem um estigma, são pobres, são diferentes. Assim, a recriação dos laços de solidariedade numa base étnica, é uma estratégia que contribui para assegurar a integração dos indivíduos num meio urbano desconhecido e potencialmente hostil.

Outras redes de solidariedade constroem-se no quotidiano, onde as barracas de venda de bebida junto das habitações servem de lugares de sociabilidades masculinas. São locais de convívio, onde se mantém o controlo social e o reforço da identidade, aspectos cruciais para indivíduos que nasceram e cresceram num meio rural em que o conhecimento mútuo reforça a coesão.

As mulheres, por seu turno, contribuem para a solidificação destas relações pelo contacto diário com outras mulheres vizinhas. Partilham espaços comuns como o fontenário e o mercado. O fontenário, por vezes, é um local de lutas frequentes, de negociações para obtenção da água que escasseia mas, igualmente, uma oportunidade para se encetarem novos conhecimentos e se aprofundarem os já existentes. A procura de meios para minimizar a crise económica cria alianças e redes femininas que procuram o acesso a recursos tão importantes como capital e trabalho. Difundem no seu seio informações relativas à aquisição de produtos para revenda nos mercados informais.

Estas redes assumem, por vezes, um carácter mais abrangente e interétnico, constituindo grupos informais de poupança<sup>13</sup> e de ajuda mútua. As mulheres são as que mais aderem a estas práticas informais, alargando a sua rede social.

A intensidade, a diversidade das relações interpessoais<sup>14</sup>, dos intercâmbios que se desenvolvem entre vizinhos emergem desta descrição apresentada: elas observam-se tanto no quotidiano, como nas múltiplas festas, como a realização de casamentos, onde se mantém a endogamia étnica e rituais de invocação dos espíritos ancestrais.

## AS CRENÇAS E PRÁTICAS RELIGIOSAS NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

A religião serve de representação simbólica em todas as dimensões da vida dos habitantes, por via dos ancestrais que intervêm, na generalidade, nas actividades que o indivíduo e o grupo desenvolvem. Agindo ritualmente e solicitando a acção benévola dos antepassados, garante-se a segurança e a prosperidade dos vivos. No altar da família, na árvore dos antepassados designado *gandzelo*, realiza-se a invocação dos espíritos em numerosas situações como a obtenção do emprego, o início de um negócio, mas igualmente para apaziguar os espíritos agressores que molestam e criam a desordem, prometendo-lhes a satisfação dos seus desejos. Intervindo como conciliadores nas diferentes unidades domésticas, assegura-se a sua unidade. Funcionando como sistema de

---

<sup>13</sup> Nos grupos de poupança denominados *xitik*, mulheres amigas, colegas ou vizinhas, acordam entre si descontar em períodos fixos de oito a vinte dias uma certa quantia, sendo o total entregue a uma fiel depositária. A colecta vai beneficiar, em turnos, a cada uma das participantes.

<sup>14</sup> Para mais detalhes sobre características das ligações entre indivíduos e natureza das interações sociais em meio urbano veja-se “network approach” ( Mitchell, 1969; Andrade et al 1998, Cruz e Silva 2000, Loforte 2000.

referência e de identidade de grupo, os cultos que assumem uma continuidade persistente, congregam regularmente os membros do grupo, procuram obter a protecção legitimadora do espíritos linhageiros que garantem a eficácia e o sucesso dos projectos colectivos.

Mas algumas práticas religiosas estão sendo simplificadas, outras já caíram em desuso, outras ainda assumem formas sincréticas<sup>15</sup> apresentando uma adaptação à sua realização em contexto urbano ou o abandono de uma prática exclusiva da religião tradicional. Os indivíduos do grupo circulam, assim, entre universos culturais diferenciados.

As formas simbólicas integrantes da cultura local são vectores de significados múltiplos e dinâmicos sendo partilhados ou rejeitados pelas categorias sociais presentes.

Como afirma Madureira Pinto (1991:227) " a construção de identidades alimenta-se sempre de alteridades (reais ou de referência) e por isso nunca exclui em absoluto convívios e infidelidades recíprocas- para desespero dos que nela querem ver o desenvolvimento harmonioso e coerente de umas tantas substâncias essenciais".

Os quadros simbólicos da religião são o suporte das sociabilidades do bairro. Graças a estes, os grupos situam-se tanto no espaço físico como no social ou relacional. Eles permitem a apreensão de uma realidade quotidiana múltipla e polisémica feita de mudanças, de reencontros, de ritmos temporais, de escolhas e de sonhos.

## CONCLUSÃO

A análise das práticas e representações sociais permitiu identificar como se constroem os elementos integrantes da identidade étnica. Nas dificuldades inerentes à chegada e percurso dos migrantes, a categoria de pertença efectua-se simbolicamente pelo reconhecimento do território como lugar identitário.

O reforço da identidade, transmitido de geração em geração e vivido de forma intensa, é uma construção social permanentemente conquistada e legitimada por processos constantes de negociação, de forma a ultrapassar conflitos com outros grupos. Com efeito, os símbolos não são pacificamente aceites, provocando por vezes desvios às normas instituídas, conduzindo a comportamentos desviantes e provocando sérios problemas de coesão social. Na verdade, como afirma Osório (1998:70) "Nas zonas urbanas (...) onde a ocupação e a vivência do espaço social, que é a casa, é muito diferente do campo, onde o confronto com a modernidade (meios de comunicação, escola, novos espaços de convívio) é quotidiano e violento, a construção da identidade dos jovens faz-se através de múltiplos agentes de socialização cujos desacordos e tensões são mais importantes que as necessárias complementaridades" .

Mas as diferenças internas de estatuto entre os grupos podem engendrar sistema de relações onde, de certa maneira, os indivíduos se unem através de canais de interdependência cerrados. A assistência social, por intermédio de redes de solidariedade, estrutura a lógica e as práticas do grupo cuja marginalidade é extrema.

O jogo das interações sociais intra ou intergrupais é um factor crucial na definição identitária do grupo. Confronta-se com duas exigências: não pode existir socialmente senão afirmando-se, quer no plano dos valores que asseguram uma identidade e um laço afectivo do grupo, quer sobre o plano dos interesses que lhe dão um lugar nas relações sociais.

---

<sup>15</sup> Refiro-me às práticas ligadas às seitas religiosas onde elementos importantes da cultura local são mantidos como seja o cultos dos espíritos dos antepassados, os modelos de adivinhação, o uso de tambores, o simbolismo das cores, a par de elementos como seja a leitura da bíblia e a importância atribuída à inspiração do Espírito Santo na cura das doenças.

**BIBLIOGRAFIA**

- Amselle, Jean -Loup (1985), "Ethnies et Espaces: Pour une Anthropologie Topologique" in Amselle, J. e M'Bokolo, E. *Au Coeur de l'Ethnie: Ethnies, Tribalism et Etat en Afrique*. Paris, La Decouverte.
- Cohen, Ronald (1978), "Ethnicity: Problems and Focus in Anthropology" in *Annual Review of Anthropology*, Vol.7 :379-403
- Cruz e Silva, Teresa (2000), "As Redes de Solidariedade como Intervenientes na Resolução de Litígios: o Caso da Mafalala, in *Conflito e Transformação Social: Uma Paisagem da Justiça em Moçambique*. Relatório de Pesquisa Parte 4. CEA/UEM, CES/ Universidade de Coimbra".
- Gerholm, T (1977) "Etnicidade- História sobre Uma Nova Palavra". Traduzido para texto de apoio do DAA. Original in SIDA Report 8:4.
- Lima, Maria Antónia (2000) " How Did I Become a Leader in My Family Firm? Assets for sucession in contemporary Lisbon Financial Elites" in *Elites*, Oxford
- Loforte, Ana (1984) "A Preservação de Valores Tradicionais em Meio Urbano in": *Trabalhos de Arqueologia e Antropologia*, N.6.
- Loforte, Ana (2000) "Género e Poder entre os Tsonga de Moçambique". Coleção Identidades, Edição Promédia, Maputo
- Madureira Pinto, José (1991)" Considerações sobre a Produção Social de Identidade" in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, N.32: 217-231.
- Maffesoli, Michel (1980) " Le rituel et la vie quotidienne comme fondements des histoires de vie", *Cahiers Internationaux de Sociologie*, *LXIX*, pp 341-349
- Meneses, Paula (2000) "Os Outros e Nós: a Questão do Acesso, Uso e Gestão dos Recursos Naturais em Licuát" in *Conflito e Transformação Social: Uma Paisagem da Justiça em Moçambique*. Relatório de Pesquisa, Parte 4. CEA/UEM , CES/Universidade de Coimbra.
- Mitchell, Clyde (1969) "Social Networks in Urban Situation: Analyses of Personal Relationships in Central Africa Towns". Manchester, Manchester University Press.
- Osório, Conceição( 1998) " Escola e Família- Diferenças e Complementaridades in Relações de Género em Moçambique: Educação , Trabalho e Saúde". DAA/UEM, Maputo
- Pina Cabral, João (2000 a) "How Do Macanese Achieve Collective Action?" in *Elites*, Oxford.
- Pina Cabral, João (2000 b) "A Difusão do Limiar: Margens, Hegemonias e Contradições" in *Análise Social*, Vol. XXXIV, n.153. 865-892.
- Prost, B.(1991) "Du Rural au Peri-Urban: Conflit de Territoire et Requalification de l'Espace", in *Bulletin des Geographes Français*, 2
- Rex, John (1986) "Raça e Etnia". Editorial Estampa, Lisboa
- Vail, Leroy (1989) "Ethnicity in Southern Africa History" in Vail, L (ed) *The Creation of Tribalism in Southern Africa*, James Currey Publishers, London.
- Velho, Gilberto (1999) "Antropologia Urbana" . Zahar Editores, Rio de Janeiro